



## Entre o quarto da empregada doméstica e outros espaços: o corpo negro, as heterotopias e utopias na pandemia /

*Between the maid's room and other spaces: the black body, heterotopias, and utopias in the pandemic*

Alécia Lucélia Gomes Pereira Medeiros \*

Doutoranda pelo Programa de PósGraduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestre pelo Programa da Pós-graduação de Letras - PPGL/UFPB (2013). Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna pela Universidade Federal de Campina Grande (2011). Especialista em Ciências da Linguagem com ênfase no Ensino de Língua Portuguesa, pela Universidade Federal da Paraíba (2017). Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba (2010). Possui experiência na área de Letras, Língua Portuguesa, leitura e produção textual, atuando, principalmente, nas áreas da Análise de Discurso Francesa e em estudos decoloniais.



<https://orcid.org/0000-0003-4445-2036>

Maria Angélica Oliveira \*\*

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1997), especialização em Leitura e Produção de Textos (1998); mestrado em Letras (2001); doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2005); pós-doutorado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (2021). Atualmente é professora titular da Universidade Federal de Campina Grande. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, em Língua Francesa, em Análise de Discurso e em Letramento Racial Crítico. Orienta pesquisas que se filiem ao campo dos Estudos Discursivos, dos Estudos Literários e dos Estudos decoloniais. Tem interesse na investigação de práticas de linguagem que busquem problematizar e combater a invisibilidade do lugar histórico dos sujeitos não-brancos e de seus respectivos saberes, no plano do real ou da ficcionalidade. Seu projeto atual desenvolvido no PPGLE/UFCG visa questionar as vontades de verdade da visão monocromática e ocidentalocêntrica da racistocracia (VIDA, Samuel; 2022) em que vivemos que justifica e perpetua práticas intolerantes e violentas. Atualmente é pós-doutoranda do PÓSCRÍTICA/UNEB.



<https://orcid.org/0000-0002-1284-4564>

\*

[alecia.lucelia@estudante.ufcg.edu.br](mailto:alecia.lucelia@estudante.ufcg.edu.br)

\*\*

[maria.angelica@professor.ufcg.edu.br](mailto:maria.angelica@professor.ufcg.edu.br)



Melissa Raposo Costa\*\*

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestre em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Campina Grande (2005). Possui experiência na área de ensino de Língua Portuguesa, leitura e produção textual. Atualmente, desenvolve pesquisas nas áreas da Análise de Discurso Francesa e em estudos decoloniais. Atua profissionalmente como professora de Língua Portuguesa e Literatura, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.



<https://orcid.org/0009-0001-5666-1284>

Recebido em: 27 de jul. de 2024. Aprovado em: 16 de dez. de 2024.

#### Como citar este artigo:

MEDEIROS, Alécia Lucélia Gomes Pereira. OLIVEIRA, Maria Angélica. COSTA, Melissa Raposo. Entre o quarto da empregada doméstica e outros espaços: o corpo negro, as heterotopias e utopias na pandemia. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 15, n. 1, p. e3198, jan. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.18174908.

#### RESUMO

Suportado pelos estudos decoloniais a partir de autoras e autores como Carneiro (2020), Davis (2016), Moore (2017), Almeida (2018), Vergès (2020) e Vida (2021), assim como pelo conceito foucaultiano de heterotopia (Foucault 2013b[1967]), embora saibamos que os estudos foucaultianos o presente trabalho tem por objetivo analisar como o discurso-corpo da mulher negra empregada doméstica é demarcado por utopias justapostas a heterotopias durante a pandemia ocasionada pelo SARS-CoV-2, vírus responsável pela Covid-19. Para isso, propomos a análise da webtirinha *Senzala*, parte da série *Confinada* (2020), que circula na rede social *Instagram* desde 2020, período da pandemia. A webtirinha nos conduz a uma leitura discursiva sobre como o imaginário social se manifesta na construção desses espaços (utópicos e heterotópicos) e na constituição do sujeito mulher negra empregada doméstica. Especificamente, investigamos como o discurso-corpo da mulher negra empregada doméstica é demarcado por utopias e heterotopias a partir do espaço do quartinho da empregada doméstica, especialmente entre 2020 e 2021, período que vivemos o *lockdown* em virtude da pandemia sobredita. Compreendemos que o quarto da empregada doméstica constitui uma heterotopia moderna que, ao evocar a senzala da época da escravidão, revela muito sobre a sociedade contemporânea. A reprodução desse tempo-espacó persiste em nossa sociedade atual, exemplificada pelo quartinho da empregada, que funcionaria como uma senzala moderna. O quartinho da empregada doméstica representa uma heterotopia que reflete e perpetua relações de poder e desigualdade entre empregadores e empregados, especialmente considerando o contexto racial e de classe.

**PALAVRAS-CHAVE:** Empregada Doméstica Negra; Senzala; Quartinho da Empregada Doméstica; Utopia; Heterotopia.

#### ABSTRACT

*Supported by Foucauldian studies on the concept of heterotopia, as well as by decolonial studies from authors such as Carneiro (2020), Davis (2016), Moore (2017), Almeida (2018), Vergès (2020) and Vida (2021). The present work aims to analyze how the body-discourse of the black woman domestic worker is demarcated by utopias juxtaposed with heterotopias during the pandemic caused by SARS-CoV-2, the virus responsible for Covid-19. To do this, we propose an analysis of the web strip *Senzala*, part of the series *Confinada* (2020), which has been circulating on the social network *Instagram* since 2020, during the pandemic. The web strip leads us to a discursive reading about how the social imaginary manifests itself in the construction of these spaces (utopian and heterotopic) and in the constitution of the subject black woman domestic worker. Specifically, we investigated how the body-discourse of the black woman domestic worker is demarcated by utopias and heterotopias from the space of the domestic worker's room, especially between 2020 and 2021, a period in which we experienced lockdown due to the aforementioned pandemic. We*

\*\*\* [melissa.raposo@estudante.ufcg.edu.br](mailto:melissa.raposo@estudante.ufcg.edu.br)



*understand that the maid's room constitutes a modern heterotopia that, by evoking the slave quarters from the time of slavery, reveals a lot about contemporary society. The reproduction of this time-space persists in our current society, exemplified by the maid's room, which would function as a modern slave quarters. The maid's room represents a heterotopia that reflects and perpetuates relations of power and inequality between employers and employees, especially considering the racial and class context.*

**KEYWORDS:** Black Maid; slave quarters; Maid's Room; Utopia; Heterotopia.

## 1 Introdução

A partir da noção de heterotopia, termo apresentado por Michel Foucault (2013b[1967]), podemos refletir sobre a realidade do espaço social. O espaço tem sido destacado em estudos por permitir a visualização não apenas de lugares em seu sentido geográfico, mas também de sujeitos e culturas. Essa realidade é representada por lugares presentes em nossa sociedade, lugares que frequentamos, onde paramos, por onde passamos, lugares abertos, lugares fechados, pelos quais, devido às demandas sociais, precisamos circular: como escolas, universidades, bibliotecas, hospitais, prisões, cemitérios, entre outros. No texto *De espaços outros*, Michel Foucault (2013b[1967]) nos leva a refletir, por meio do conceito de heterotopia, sobre os diferentes espaços que configuram a existência humana e a proximidade entre eles. Neste trabalho, o conceito de espaço é crucial para investigarmos as limitações de circulação e de permanência, em dados lugares, impostas ao corpo negro, à medida que analisamos esse corpo sendo afastado de seu espaço e projetado para outro espaço determinado pela racistocracia (Vida, 2021) em que vivemos.

De acordo com Foucault (2013b[1967]), em contraste com lugares reais, existem outros que suscitam a diferença e que podem levar o sujeito a um lugar irreal: às utopias. A utopia, na perspectiva foucaultiana, pode ser considerada como um não lugar, um espaço idealizado, um espaço irreal. Embora seja um lugar fora de todos os lugares, apresenta o corpo em um estado visível. Nesse sentido, o presente trabalho, fundamentado nos pressupostos teóricos foucaultianos acerca do espaço, recai sobre o espaço ocupado pela empregada doméstica negra, tanto no ambiente de trabalho quanto fora dele. Para isso, propomos a análise da webtirinha *Senzala*, parte da série *Confinada* (2020), que circula na rede social *Instagram*, espaço virtual. A webtirinha nos conduz a uma leitura discursiva sobre como o imaginário social se manifesta na construção desse espaço e na constituição do sujeito mulher negra empregada doméstica.



Para pensar esse espaço, articulamos discurso e memória, buscando compreender como o espaço e os sujeitos são materializados na webtirinha. Essas reflexões nos levaram ao seguinte questionamento: como o discurso-corpo da mulher negra empregada doméstica é demarcado por utopias e heterotopias a partir do espaço quartinho da empregada doméstica, especialmente durante a pandemia ocasionada pelo SARS-CoV-2, vírus responsável pela Covid-19? Com esse questionamento, procuramos entender como a mulher negra empregada doméstica é representada, através dos espaços que esses sujeitos (des)ocupam, mediante os discursos que atravessam a série *Confinada* e nela se materializam através da linguagem verbal e não verbal. Optamos por utilizar a série em quadrinhos como ferramenta para explorar e ilustrar a configuração do espaço, tanto no que diz respeito à sua representação verbal quanto à sua manifestação visual. Esta abordagem nos permite examinar a maneira como o espaço é construído ao se situar em contextos utópicos e heterotópicos. Iniciamos, pois, apresentando no item que segue os conceitos-chave que nos auxiliarão nos procedimentos de análise. Antes, porém, faz-se necessário salientar que, apesar de pesquisadores e pesquisadoras como Ranajit Guha (1988), Gayatri Spivak (2010), Orazio Irrera (2022), Marcelo Raffin (2024), defenderem que apoiar-se nos estudos foucaultianos para discutir o colonialismo pode perpetuar categorias eurocêntricas, visto que Foucault tratou as complexidades e impactos do colonialismo de forma restrita e insatisfatória, decidimos alicerçar nossas discussões também na contribuição do filósofo francês. Acreditamos que o conceito de heterotopias, por ele proposto, é uma ferramenta eficaz na análise de práticas coloniais e seus legados. Além disso, nossa análise não se restringe ao pensamento foucaultiano, pois também incorporamos os conhecimentos e teorias de pensadores e pensadoras decoloniais como Sueli Carneiro (2020), Ângela Davis (2016), Carlos Moore (2007) e Françoise Vergès. Assim sendo, a visão restrita e insatisfatória do filósofo das multidões em relação às questões do colonialismo não terá impactos limitantes à discussão aqui proposta.

## 2 Foucault e os Espaços: Utopias e Heterotopia

Conforme dito acima, os espaços utópicos e heterotópicos, demarcados pela sociedade racista em que vivemos, para o corpo-discurso da mulher negra empregada doméstica são o nosso ponto fulcral de análise. Assim sendo, iniciamos a partir da reflexão apresentada pelo filósofo e



militante, Michel Foucault, sobre o espaço como um fator significativo a ser considerado na contemporaneidade. Para ele,

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e entrecruza sua trama. (Foucault, 2013b[1967], p. 113).

Como visto acima, Foucault (2013b[1967]) defende que a era atual pode ser mais adequadamente caracterizada como a época do espaço ao invés de uma época centrada no tempo. O autor reflete sobre a mudança na percepção e na experiência do mundo, contrastando-a com épocas anteriores que priorizavam a dimensão temporal. Entender esta transição é perceber que os espaços são sítios da diversidade e que embora sujeitos possam conviver lado a lado, os espaços ocupados são determinados hierarquicamente. Na ocupação dos espaços em uma sociedade regida pelo regime de verdade racista, o que temos é a prevalência de uma dispersão, uma exclusão, causada pela distinção de cor e de classe, como veremos em nossas análises. A atenção e a importância atribuídas ao espaço são mais evidentes nas formas como experimentamos e compreendemos o mundo.

Para Foucault (2013b[1967]), o conceito de espaço é caracterizado como um conjunto hierarquizado de diferentes tipos de locais, cada um com suas próprias funções e significados. Ele distingue entre: lugares sagrados e profanos; protegidos e vulneráveis; urbanos e rurais, refletindo as diversas maneiras como os sujeitos vivem e se organizam no mundo. Esse entendimento ressalta a importância das dinâmicas espaciais na constituição das práticas sociais e culturais, evidenciando como os espaços são intrinsecamente ligados pela intersecção entre raça, classe e gênero. Os espaços utópicos e heterotópicos não são ocupados de forma indistinta por quaisquer corpos. A depender da classe, gênero e raça dos corpos dados, lugares lhes são exclusivos.

Nesse sentido, pensar no espaço é refletir sobre o “fora”, onde vivemos, compreendendo os diferentes posicionamentos. Foucault (2013b[1967]), ao trazer essa reflexão sobre os espaços, destaca uma preocupação essencial: as relações de posicionamento. Como, a partir do espaço, que é um lugar não vazio, os posicionamentos dos indivíduos são demarcados? Assim, o autor complementa:



Dito de outra forma, não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual se poderiam situar os indivíduos e as coisas. Não vivemos no interior de um vazio que se encheria de cores, com diferentes reflexos, vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros, e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos. (Foucault, 2013b[1967], p. 115)

De acordo com o filósofo das multidões, a nossa existência não se dá em um vácuo neutro, mas sim em um contexto denso de relações e interações complexas “que definem posicionamentos irredutíveis”, posições específicas e distintas para sujeitos e objetos, posições que não são intercambiáveis ou facilmente comparáveis. Como vivemos sob a égide do racismo, fenômeno histórico e universal (Moore, 2017), em vez de ocupar um espaço vazio que poderia ser preenchido de maneira arbitrária, os lugares ocupados por corpos brancos e por corpos não brancos – negros e indígenas - são determinados por relações que prescrevem nossas localizações e papéis de maneira única e não replicável. Foucault (2013b) enfatiza que é o conjunto dessas relações que configura nossa realidade espacial e social, moldando a maneira como nos posicionamos e interagimos no mundo.

Para Foucault (2013b), o espaço é um marcador de relações de posição, introduzindo o conceito de heterotopia, ou “espaços outros”. Esta discussão é relevante para nosso estudo, pois nos permite situar o quarto da mulher negra empregada doméstica, como um espaço heterotópico, um “espaço outro”. Trata-se de um lugar real, mas que está “fora de todos os lugares”, revelando acontecimentos sociopolíticos e evocando uma memória que remonta ao tempo da escravidão. Esse espaço coloca a mulher negra empregada doméstica em situações análogas àquela época, refletindo estruturas arquitetônicas e de poder existentes na senzala. Assim, observa-se um acúmulo de um outro tempo, outra época, dentro de um espaço que está fora deste tempo. As relações de posição a partir do quarto da empregada doméstica se manifestam na forma como esse espaço reforça hierarquias sociais e relações de poder dentro da casa. O quarto da empregada doméstica, muitas vezes pequeno e isolado, simboliza a marginalização e a subordinação da trabalhadora em relação à família empregadora. As relações de posição, a partir do quarto da empregada doméstica, evidenciam a persistência de desigualdades sociais e raciais, manifestando-se através da arquitetura e da organização do espaço doméstico, que simbolizam e reforçam a hierarquia e a subordinação das mulheres negras no contexto do trabalho doméstico.



Apenas a título de ilustração, vejamos, abaixo, um depoimento de uma estudante de arquitetura presente no livro da autora Preta Rara, *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada* que apresenta a representação social desse espaço heterotópico chamado “quartinho” da empregada:

Cursando o ensino superior fiz uma matéria na qual deveria projetar a planta de uma casa. O professor especificou todos os cômodos que deveriam ter no projeto, e montávamos como queríamos. Entre esses cômodos, havia o quarto de uma empregada doméstica. Quando terminei o projeto, mostrei pro professor, que disse:

— O quarto dessa empregada está muito grande. Pode diminuir.

Não achei justa a declaração, depois o quarto não era grande de maneira alguma, porém aceitei a recomendação sem reclamar. Voltei com o trabalho corrigido. Ele acrescentou:

— Agora mude a porta, a empregada não pode entrar no quarto por dentro da casa.

— Como assim, professor?

— A porta do quarto da empregada tem que dar pro quintal, pros fundos da casa.

Não consegui entender o motivo. Insisti:

— Não entendi, professor. Não parece confortável ter que dar a volta na casa inteira para que a funcionária possa entrar no próprio quarto. Qual o problema de a porta ficar no corredor como os outros quartos?

— É assim que é. Coloque a porta para fora. (Rara, 2019, p. 36)

A partir desse breve relato, temos condições de dizer que esse espaço poderia ser lido como uma heterotopia de desvio (Foucault, 2013b[1967]), ou seja, um lugar de confinamento em que são colocados os indivíduos indesejados, cujos comportamentos não se adequam às normas impostas pela sociedade. Assim consideramos, tendo em vista a marginalização e a inferiorização dessas profissionais refletidas na arquitetura desses espaços – em sua maioria muito pequenos, segregados e pouco confortáveis. Em seu quartinho isolado, nas horas de descanso, a empregada doméstica está na casa, a serviço da família, mas sem fazer parte dela, nem da casa, tampouco da família, o que a torna necessária, mas, invisível. Segundo Vergès (2020, p.17),

(...) o trabalho de cuidado e limpeza é indispensável e necessário ao funcionamento do patriarcado e do capitalismo racial e neoliberal; contudo, embora indispensável e necessário, ele deve permanecer invisível, marcado pelo gênero, racializado, mal pago e subqualificado.



Essa invisibilização pode refletir-se sobre uma forma particular de relação entre os espaços. Foucault (2013b[1967]) propõe a distinção que categoriza o espaço em duas formas: utopia e heterotopia. A primeira – a utopia – refere-se a um espaço idealizado, não real. Segundo Foucault (2013b [1967], p.115):

São as alocações sem lugar real. São as alocações que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou invertida. É a própria sociedade aperfeiçoada, ou é o inverso da sociedade; mas, de toda forma, essas utopias são espaços fundamentalmente, essencialmente, irreais. (Foucault, 2013b[1967], p.115)

Sendo assim, as utopias são espaços sem localização real. Elas representam lugares perfeitos e ideais que não existem de fato no mundo físico. Utopias são construções imaginárias que espelham a sociedade de uma maneira idealizada, oferecendo uma visão de perfeição, mas permanecendo inatingíveis e inexistentes na realidade concreta. Portanto, as utopias evocam a ideia de algo fantasioso e idealizado. Através da utopia, podemos contemplar os corpos. Segundo Foucault (2013a, p.11), as utopias “nascem do próprio corpo e, em seguida, talvez, retornem contra ele”. O movimento afrofuturismo, por exemplo, pode ser visto como expressão de utopia nascida do corpo negro, buscando reimaginar e transformar a sociedade. Esse movimento no Brasil é uma forma de resistência contra o racismo e a marginalização, oferecendo uma visão alternativa de futuro em que a população negra ocupa um lugar central e poderoso. É uma celebração da identidade negra e uma afirmação de sua importância e valor. Entre os autores brasileiros que se destacam neste movimento, temos Ale Santos, duas vezes finalista do Prêmio Jabuti, conhecido por sua obra “O Último Ancestral”. Destacam-se também Lu Ain-Zaila, autora de “(In)Verdades” e “(R)Evolução”; Sandra Menezes, finalista do Prêmio Jabuti e autora de “O Céu Entre Mundos”; e Fábio Kabral, autor da trilogia composta por “O Caçador Cibernético da Rua 13”, “A Cientista Guerreira do Facão Furioso” e “O Blogueiro Bruxo das Redes Sobrenaturais”<sup>1</sup>.

A utopia de uma sociedade sem racismo é uma ideia utópica, fantasiosa, quimérica contrastando com a realidade vivida de discriminação e desigualdade. As utopias oferecem uma visão do que a sociedade poderia ser, enquanto a realidade é marcada por espaços de exclusão

---

<sup>1</sup> Informações adicionais sobre o movimento afrofuturista podem ser encontradas no site: <https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias>.



e marginalização. Contudo, o corpo negro, embora marginalizado por nossa sociedade racista, continua a resistir, também por meio de espaços utópicos, fantasiosos como o afrofuturismo.

Associar as utopias ao corpo negro, em uma sociedade racista, envolve a análise crítica das promessas e ideais que não se concretizam, ao mesmo tempo em que reconhece a criação e a resistência de espaços alternativos que desafiam a realidade opressiva. As webtirinhas, por exemplo, se colocam como espaço de resistência. As utopias fornecem uma visão do que poderia ser, mas também denunciam as disparidades entre essa visão e a realidade cotidiana enfrentada pelos corpos negros.

Em contraste às utopias, Foucault (2013b[1967]) reconhece as heterotopias como “espaços outros”, reais e concretos, mas que funcionam de maneira diferente dos espaços convencionais, revelando aspectos ocultos ou marginalizados da sociedade. O quartinho da empregada é bem real, mas funciona diferentemente dos outros quartos da casa que, por exemplo, podem ter a entrada dentro de casa. O filósofo francês, ao trazer o conceito de heterotopia, afirma que:

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias (Foucault, 2013b[1967], p.115).

Heterotopias que são lugares reais distintivos, definidos como “outros lugares”. Estes espaços se destacam por sua natureza excluente e perturbadora, funcionando como contraespaços que estão situados “fora do lugar”. Devido à sua dissonância em relação aos espaços convencionais, as heterotopias rompem com as normas predominantes, possibilitando a contestação dos valores e regulamentos estabelecidos.

Entre as heterotopias produzidas pelas sociedades, sobressaem-se as de crise e as de desvio. As heterotopias de crise são designadas para indivíduos em estados considerados críticos, tais como mulheres durante a menstruação, adolescentes e idosos, entre outros. Esses espaços



são categorizados, por Foucault (2013b[1967]), como sagrados e proibidos, representando o que ele descreve como heterotopias de crise.

No Brasil, durante a pandemia, foram criados diversos hospitais de campanha em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, nos quais estádios de futebol foram transformados em instalações médicas temporárias. Esses espaços exemplificam heterotopias de crise, uma vez que foram ativados em resposta à emergência para isolar e separar aqueles com potencial risco de contágio. Eles constituem uma adaptação emergencial do espaço, concebida para evitar a propagação do vírus, e revelam a flexibilidade e a capacidade de resposta do ambiente construído frente a uma crise sanitária.

As heterotopias de desvio referem-se a espaços destinados a indivíduos cujos comportamentos se afastam das normas sociais ou culturais estabelecidas. Esses locais desempenham um papel na manutenção da ordem social ao isolar aqueles que são vistos como uma ameaça ou como desviantes em relação às normas culturais e sociais. Assim, as heterotopias de desvio constituem uma ferramenta analítica relevante para compreender como os espaços são utilizados para gerir a diferença e preservar a ordem social por meio da exclusão e contenção de comportamentos considerados desviantes. O conceito nos leva a uma reflexão crítica sobre as práticas de exclusão e os critérios que definem o que é considerado desviante. Nas sociedades primitivas, as heterotopias de desvio estavam associadas a comportamentos que desafiavam a ordem estabelecida. Na contemporaneidade, esses desvios se manifestam através da marginalização, resultando na exclusão e no isolamento daqueles que não se conformam com os padrões comportamentais considerados normativos pela sociedade.

Assim, instituições como prisões, clínicas psiquiátricas, casas de repouso e outros espaços são estruturadas para isolar aqueles que são considerados desviantes dos padrões estabelecidos. As heterotopias de desvio geram conflitos originados das relações de poder, uma vez que visam manter os indivíduos dentro de normas determinadas por uma sociedade marcada por desigualdades promovidas pelo racismo, machismo e homofobia. Indivíduos negros têm, historicamente, sido alvo de controle e exclusão em heterotopias de desvio, onde são segregados ou isolados em razão de sua raça ou classe social, que diverge do padrão branco estabelecido como norma pela sociedade, dos quartinhos de empregadas aos barracos nas favelas, muitos são os espaços heterotópicos destinados aos não brancos pobres.



Ao examinar acima a representação do quarto da empregada doméstica no contexto de isolamento, exclusão, preconceito e racismo — um espaço “outro” dentro da própria residência — classificamos esse espaço como uma heterotopia de desvio. Esta classificação será aprofundada em nossas análises, explorando a representação da mulher negra empregada doméstica e o espaço que lhe é destinado. Neste contexto, o gênero discursivo da webtirinha surge como um veículo para a representação e a exposição dos espaços e dos corpos que os habitam. Ademais, a webtirinha concretiza as relações sociais e as “verdades” culturalmente edificadas que determinam a configuração desses espaços e sujeitos, através dos discursos específicos que a caracterizam.

Dada a base conceitual subjacente à nossa discussão, avancemos agora para as análises, visando compreender como esses conceitos se manifestam na configuração do quarto da empregada doméstica e em outros espaços representados na webtirinha *Senzala*.

### **3 O Corpo Negro entre a Utopia e a Heterotopia: Realidades na Pandemia**

Nas presentes reflexões, propomos considerar um espaço integrante de nossa sociedade que suscita debates sobre a representação da mulher negra empregada doméstica: o quartinho da empregada doméstica, explorado à luz do conceito de heterotopia, conforme delineado por Foucault (2013b[1967]). Entendemos que a inserção do corpo negro nesse ambiente enfatiza uma invisibilidade, situando-o à margem e excluindo-o de outros espaços sociais.

O *corpus* que nos instigou a examinar minuciosamente essas questões está inserido no contexto da mídia digital. Este ambiente desempenha um papel central na visibilidade e na configuração de discursos, assumindo uma importância fundamental na construção, reconstrução e desconstrução de imaginários sociais, identidades, vontades de verdades e conhecimentos. Através da exposição e dos debates sobre uma ampla gama de questões, como a identidade da mulher negra empregada doméstica na modernidade, a mídia digital transmite informações de maneira rápida e abrangente. Os acontecimentos tornam-se visíveis em tempo real, alcançando diversos públicos, funcionando como um registro dinâmico da sociedade. As redes sociais, em particular, têm se destacado como espaços de representação social, onde os textos veiculados refletem, refratam e moldam nossa realidade por meio dos discursos presentes em diversos gêneros discursivos.



Selecionamos a webtirinha integrante da série *Confinada*, veiculada na internet entre 2020 e 2021, um período imerso na pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19. Esta série foi concebida por Leandro Assis, graduado em Comunicação Social com especialização em *storytelling* pela New York Film Academy, além de ser quadrinista e roteirista; e por Triscila Oliveira, ativista dos direitos humanos e *cyberativista*. As narrativas da série exploram o cotidiano de uma influenciadora digital, de ascendência branca, e da empregada doméstica negra, abordando temas complexos relacionados a gênero, classe, raça, e desigualdades sociais e raciais.

A mídia digital, por meio da disseminação desses discursos, tem retratado o sujeito negro com base nas dinâmicas de poder, conhecimento e verdade que permeiam nossa sociedade, como evidenciado nas webtirinhas. As condições que sustentam esses discursos, manifestados como acontecimentos, são moldadas por fatores sociais, econômicos e políticos que foram estabelecidos e perpetuados na sociedade. Em nossa pesquisa, investigamos como a interseção entre a mulher, o trabalho doméstico e o espaço que ocupa reaviva estruturas econômicas remanescentes do período colonial, que evidenciam e perpetuam o racismo por meio de práticas discursivas.

Para Almeida (2018, p.27):

O racismo não se trata de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégios que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações humanas.

Para o autor, o racismo não deve ser visto simplesmente como um ato único de discriminação ou como uma sequência de eventos desconectados. Em vez disso, ele deve ser entendido como um processo contínuo e sistemático. Este processo perpetua condições de subordinação para certos grupos raciais enquanto mantém privilégios para outros, e essas dinâmicas são reproduzidas nos âmbitos discursivos, político, econômico e nas relações humanas em geral. Dessa forma, o racismo é entendido como um sistema estrutural que perpetua desigualdades e hierarquias baseadas na raça ao longo do tempo. Além disso, de acordo com Moore (2007, p. 38), “o racismo é um fenômeno eminentemente histórico ligado a conflitos reais ocorridos na história dos povos”.

Considerando este sistema estrutural, histórico e fenotípico que delimita a posição do corpo negro, conduzimos reflexões sobre este corpo em face das condições de subalternidade e



dos privilégios envolvidos na relação entre a patroa - mulher branca - e a emprega doméstica - mulher negra<sup>2</sup>. Analisamos o espaço que esta última é destinada a ocupar no ambiente de trabalho — o quartinho da empregada doméstica. Este espaço, situado à margem da residência, diminuto e deslocado, configura-se como uma heterotopia que manifesta relações de poder, como já discutimos mais acima. Espaços podem simbolizar e reforçar hierarquias sociais. Por exemplo, o quartinho da empregada doméstica representa uma heterotopia que reflete e perpetua relações de poder e desigualdade entre empregadores e empregados, especialmente quando se considera o contexto racial e de classe.

A estrutura e organização da sociedade brasileira, em tempos pandêmicos sobretudo, evidenciam as desigualdades relacionadas ao gênero, classe e raça. Sem condições ideais de isolamento, os mais pobres – dentre esses em sua grande maioria os/as negros/as<sup>3</sup> – proibidos de atender ao alerta “fique em casa” devido à necessidade de continuar trabalhando, tornaram-se os grupos mais vulneráveis a situações de exposição ao novo coronavírus. Entre esses grupos, destacam-se as empregadas domésticas, majoritariamente compostas por mulheres negras.

Além da caracterização do trabalho doméstico no Brasil como uma atividade predominantemente feminina e negra, durante o período pandêmico, é importante destacar que foi a mulher negra empregada doméstica quem enfrentou maior vulnerabilidade à contaminação por esse nefasto vírus que dizimou só no Brasil aproximadamente 500.000 pessoas, das quais 58,9% das mortes em excesso ocorreram entre a população negra – pardos e pretos. Essa informação ressalta como o racismo estrutural se manifesta de maneira exacerbada na vida das mulheres negras que trabalham como empregadas domésticas.

Durante a pandemia, essas mulheres não apenas continuaram a desempenhar um papel essencial na sociedade, muitas vezes sem condições adequadas de segurança e proteção, mas

---

<sup>2</sup> Sabemos que esta também é uma profissão ocupada por mulheres brancas, entretanto considerando que mormente os sujeitos que ocupam esse espaço são sujeitos não brancos, voltamos nosso olhar, nesse trabalho especificamente para as mulheres negras empregadas domésticas. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), “mulheres constituem mais de 92% dos trabalhadores domésticos ocupados, sendo que mais de 65% delas são negras”.

<sup>3</sup> Pelo menos 40% da população negra vivem com renda abaixo da linha da pobreza (com menos de 5,5 dólares/dia, cálculos de 2011). Enquanto, aproximadamente 18% da população branca vivem na mesma situação. A média percentual de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza da população brasileira em geral é 30%. Fonte: <https://informasus.ufscar.br/por-que-as-pessoas-negras-sao-as-que-morrem-mais-de-covid-19-no-brasil/>



também enfrentaram maior risco de contrair o vírus devido às suas condições de trabalho e vida. Isso evidencia como o racismo e a discriminação racial não só marginalizam essas mulheres dentro do mercado de trabalho, mas também as colocam em situações de maior vulnerabilidade e exposição a perigos como doenças graves, com consequências devastadoras para elas e suas comunidades.

Segundo Sueli Carneiro (2020), a estrutura social ainda perpetua o racismo ao direcionar certas ocupações laborais para indivíduos negros, como é evidenciado no caso do trabalho doméstico. Carneiro (2020) argumenta que “A predominância das mulheres negras nesse setor de serviços reafirma que, assim como no período pós-abolição, esta continua sendo a principal forma de atividade econômica acessível às mulheres negras” (Carneiro, 2020, p. 36).

A associação da mulher negra ao trabalho doméstico está intimamente ligada ao legado histórico em que ex-escravizadas, frequentemente desprovidas de qualificação profissional além do trabalho doméstico, foram compelidas a realizar esse tipo de atividade. No sul dos Estados Unidos, especificamente, a escravidão era frequentemente referida como a “instituição doméstica”.

Conforme Davis (2016, p.98):

A própria escravidão havia sido chamada, com eufemismo, de ‘instituição doméstica’, e as escravas eram designadas pelo inócuo termo ‘serviços domésticas’. Aos olhos do ex-proprietários de escravos, ‘serviço doméstico’ devia ser uma expressão polida para uma ocupação vil que não estava nem a meio passo de distância da escravidão. Enquanto as mulheres negras trabalhavam como cozinheiras, babás, camareiras e domésticas de todo tipo, as mulheres brancas do Sul rejeitavam unanimemente trabalhos dessa natureza.

Conforme a autora, a escravidão nos Estados Unidos era disfarçada sob o termo eufemístico de “instituição doméstica”, enquanto as mulheres negras eram frequentemente referidas de maneira neutra como “serviços domésticas”. Para os ex-proprietários de escravos, a expressão “serviço doméstico” servia como uma forma educada de descrever um trabalho considerado degradante, que não estava muito distante da própria escravidão.

Enquanto as mulheres negras desempenhavam papéis como cozinheiras, babás, camareiras e em várias outras funções domésticas, as mulheres brancas do Sul geralmente rejeitavam unanimemente esses tipos de trabalho. Formou-se um quadro que equiparava o



serviço doméstico à escravidão, atribuindo a mulheres negras a execução dos trabalhos domésticos.

Segundo Davis (2016, p.102):

Se as mulheres brancas nunca recorreram ao trabalho doméstico, a menos que tivessem certeza de não encontrar algo melhor, as mulheres negras estiveram aprisionadas a essas ocupações até o advento da Segunda Guerra Mundial (Davis, 2016, p.102).

Um cenário que, mesmo em meio à existência de novos saberes, ainda é visível na atualidade, já que o trabalho doméstico é ocupado em maior porcentagem por mulheres negras, como demonstra um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2019):

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgou nesta segunda-feira, dia 23, um retrato sociodemográfico do trabalho doméstico no Brasil, que mostra redução na proporção de mulheres ocupadas que se dedicam a esse tipo de atividade: de 17%, em 1995, para 14,6%, em 2018, em média. O índice sobe para 18,6% entre mulheres negras, contra 10% quando se trata de mulheres brancas.

A análise do trabalho doméstico no Brasil mostra que a proporção de mulheres que exercem essa atividade diminuiu nas últimas décadas. Embora a participação das mulheres nas tarefas domésticas tenha diminuído globalmente, este declínio não foi uniforme entre os grupos raciais. As mulheres negras continuam a fazer significativamente mais tarefas domésticas do que as mulheres brancas. Essa diferença ilustra não apenas a persistência de desigualdades raciais dentro do setor, mas também destaca como as mulheres negras são desproporcionalmente representadas em atividades que exigem mais tempo e esforço, refletindo desigualdades estruturais e históricas que afetam essas mulheres no mercado de trabalho.

Assim, trazer à tona essa realidade persistente da presença da mulher negra no trabalho doméstico, interpretando-a sob uma perspectiva discursiva e enfatizando o espaço como um elemento crucial para compreender a representação da mulher negra empregada doméstica através dos discursos presentes nas webtirinhas que abordam o espaço do “quartinho da empregada doméstica”, revela-se essencial.

As webtirinhas integrantes da série *Confinada* relatam a vida de uma influenciadora digital, Fran Clemente, uma mulher branca e rica que vive em São Conrado, um bairro nobre do Rio de

Janeiro. Entre suas empregadas domésticas está Ju, uma mulher negra e pobre da Rocinha, que por necessidade continuou trabalhando e residindo na casa da patroa durante a pandemia. Para dar início às análises, examinemos a Fig.1, webtirinha número 59, intitulada *Senzala*.

Figura 1: Série em quadrinho Confinada N.59 Senzala



Fonte: Quadrinhos - ilustrações no Instagram leandro\_assis\_ilustra, 2020

A webtirinha em foco é uma sequência direta da N.58 - *Unicórnio*, na qual surge a possibilidade de cancelamento de Fran nas redes sociais. Neste contexto, Ju assume temporariamente o controle do celular de Fran para divulgar detalhes da casa e das realidades vividas por ambas, além de enfatizar que, mesmo que Fran seja cancelada digitalmente, as



disparidades sociais persistirão. No episódio seguinte, N.59 - *Senzala*, Ju continua protagonizando a narrativa ao manter as postagens nas redes sociais de sua patroa, utilizando seu celular para tal, como evidenciado no segundo quadro.

Inicialmente, destacamos a representação de duas realidades distintas nas webtirinhas. Primeiramente, há a visão de mundo de Fran, que reflete sua posição como sujeito pertencente a uma classe social privilegiada, branca e possuidora de bens e capital. Por outro lado, as postagens de Ju que revelam sua interpretação do mundo a partir de sua posição como sujeito marginalizado, negra, de baixa renda e sem pertencimento ao mundo de privilégios de Fran. Sabendo-se que a verdade, de acordo com Foucault (1979), é sempre uma construção influenciada pelo sujeito que a formula e pelo contexto social em que está inserido, cada uma apresenta verdades a partir de suas perspectivas sociais e posicionamentos.

A presença da utopia nas realidades de uma mulher branca, rica e influencer digital, como Fran, e de uma mulher negra empregada doméstica, como Ju, pode ser destacada através das representações de seus respectivos universos sociais e aspirações. Para Fran, a utopia está presente na construção de um mundo idealizado e privilegiado, refletido em sua vida luxuosa, seu papel de influenciadora digital e sua influência nas redes sociais. Ela, uma mulher branca, representa um ideal de sucesso e visibilidade, onde suas preocupações giram em torno do *status* social. Por outro lado, para Ju, a utopia se manifesta de forma contrastante. Ela aspira por uma realidade onde não seja marginalizada, onde suas condições de trabalho e de vida sejam respeitadas. Ao tomar controle temporário das redes sociais de Fran na webtirinha, *Senzala*, Ju utiliza essa plataforma não apenas para expor as desigualdades e injustiças que enfrenta, mas também para reivindicar visibilidade e reconhecimento para sua própria realidade, rompendo com a invisibilidade imposta pelo seu papel de empregada doméstica. Assim, tanto Fran quanto Ju operam dentro de contextos utópicos distintos: Fran dentro de um contexto de privilégio e idealização da vida digital e social, e Ju dentro de um contexto de busca por reconhecimento e justiça social dentro das estruturas desiguais da sociedade contemporânea.

Pela cena retratada no segundo quadrinho, há uma materialização discursiva de um corpo utópico da empregada doméstica negra, pobre, representado por Ju, ao assumir temporariamente o controle do celular da patroa branca, rica (Fran), para publicar sua própria realidade nas redes sociais. Esse ato representa uma inversão de papéis e poderes, onde Ju utiliza a plataforma digital,



normalmente controlada por Fran, para expor as desigualdades sociais e as condições de vida que enfrenta como empregada doméstica.

Através do segundo quadrinho, temos uma cena que retrata um corpo que pode ser utópico (ao tomar posse do espaço privado da patroa, o celular), infringindo determinadas regras, até mesmo leis, podendo, assim, demonstrar uma desordem (quando a ordem é obedecer) para o seu lugar de discurso corpo de empregada doméstica, e, igualmente, há uma heterotopia, marcada, podemos dizer, por um desvio, na medida que torna seu espaço real visível para o mundo virtual.

Assim, simultaneamente, a situação apresentada revela uma heterotopia de desvio, pois Ju transforma o espaço digital da patroa em um local de contestação e exposição das disparidades sociais. As redes sociais de Fran, inicialmente concebidas para idealizar e promover sua vida privilegiada, são subvertidas por Ju para revelar uma realidade marginalizada e invisibilizada, como forma de resistência. Essa inversão do uso do espaço digital de Fran representa uma heterotopia, onde o espaço usualmente dominado por um discurso hegemônico é utilizado para apresentar uma perspectiva crítica da realidade social.

Ju, ao tomar o celular de sua patroa, exerce um ato de resistência direta. Ela se apropria de uma ferramenta de comunicação que, normalmente, perpetuaria a imagem e o status da patroa. Ju usa a plataforma digital para revelar as duras realidades de sua vida e trabalho, frequentemente invisibilizadas pela sociedade dominante. Ela descreve as condições de trabalho opressivas e a segregação que enfrenta no ambiente doméstico. Através desta apropriação, Ju introduz sua própria voz e narrativa no espaço digital da patroa, invertendo a hierarquia usual e amplificando a perspectiva da empregada doméstica, geralmente silenciada.

A resistência cria heterotopias através de narrativas que contestam a ordem dominante. Ao expor os detalhes da casa de Fran, Ju subverte a natureza privada e controlada desse espaço, transformando-o em um cenário de contestação pública. Ju constrói uma narrativa alternativa que desafia a construção hegemônica da ordem social, expondo as desigualdades e questionando as estruturas de poder que mantêm sua subordinação. Esta narrativa alternativa funciona como uma forma de empoderamento simbólico. Ao compartilhar suas experiências, Ju denuncia a injustiça e reivindica igualdades sociais.

A apropriação do celular da patroa, espaço particular, por Ju e a exposição das realidades de sua vida e trabalho são formas de criar uma heterotopia narrativa. Essas representações



introduzem novas vontades verdades e contestam as construções dominantes, transformando o espaço simbólico da mídia digital em um campo de resistência. A mídia digital, especialmente as redes sociais, torna-se um espaço simbólico de resistência, onde vozes marginalizadas podem se expressar, compartilhar suas histórias e mobilizar apoio. Esse espaço permite que novas verdades emergam, desafiando as construções dominantes sobre raça, classe e gênero. A plataforma digital, que frequentemente serve para reforçar normas sociais, é transformada em um campo de contestação.

Reafirmamos, assim, que a resistência cria heterotopias através de narrativas e representações que contestam a ordem dominante ao introduzir novas verdades e desafiar construções hegemônicas. No caso das webtirinhas, a apropriação do celular pela empregada doméstica e a exposição de suas realidades transformam o espaço simbólico da mídia digital em um campo de resistência. Essas representações não apenas desafiam a invisibilidade e subordinação das empregadas domésticas, mas também criam espaços alternativos de empoderamento e contestação, com o potencial de catalisar mudanças sociais significativas.

Vários espaços são colocados em destaque pelas ilustrações das webtirinhas e falas das personagens, como: o lar, o quarto da empregada doméstica, a senzala, loja, faculdade, Disney, por fim, a favela em contraste com bairro nobre do Rio de Janeiro (realidades separadas por poucos metros). São espaços que fazem com que o corpo se torne corpo, ou seja, situam o corpo enquanto lugar que se constitui por heterotopias e utopias.

Vivemos em uma época dos espaços, como já afirmava Foucault (2013b[1967]), e estes espaços atravessam os discurso-corpos e os constituem. Nesta perspectiva, a webtirinha aponta para um discurso corpo que se materializa pelo racismo, pela exclusão, pela separação, através dos espaços que a mulher negra empregada doméstica é levada a (des)ocupar. Desta forma, racismo, preconceito, exclusão, a partir da raça e da classe, são analisados através de um corpo; sem corpo, não há racismo, este é, portanto, materializado no discurso-corpo da mulher negra empregada doméstica.

Ainda no segundo quadrinho, há uma fala e ilustração que apresentam o espaço destinado à empregada doméstica: “quartinho com dois metros”, “sem ar-condicionado”, “na área de serviço”. Este espaço contrasta acentuadamente com os demais cômodos do apartamento, como se observa na imagem e na fala de Ju: “Só ódio explica ter um apartamento de mil metros quadrados e colocar a empregada num quartinho de dois. Sem ar-condicionado. Na área de serviço”. Na



webtirinha, não muito distante da realidade, o quartinho da empregada é um espaço localizado em um ambiente separado dos demais, na área de serviço, afastado e marginalizado. Trata-se de um espaço fechado, sem ventilação adequada, sem acesso aos outros cômodos, que está simultaneamente perto e distante. O apartamento e o quartinho da empregada doméstica representam dois espaços antagônicos dentro do mesmo ambiente. Este último é destinado a sujeitos considerados desviantes do padrão branco e rico, estabelecido pela sociedade, configurando-se, assim, como uma heterotopia de desvio.

Importante enfatizar que o sujeito mulher empregada doméstica negra não se desvia das normas impostas pela sociedade, mas é desviado por esta, através de uma cultura regida pelo pacto da branquitude (Bento, 2022), sendo marginalizado nos espaços que lhes são destinados. De acordo com um dos princípios destacados por Foucault (2013b[1967], p.117) para a descrição das heterotopias, “é que, no curso de sua história, uma sociedade pode fazer funcionar de uma maneira muito diferente uma heterotopia que existe e não deixou de existir”. Isso nos permite situar o quartinho da empregada, hoje, como uma senzala moderna, conforme afirmou Preta-Rara (2019) ao intitular seu livro como: Eu, empregada doméstica: A senzala moderna é o quartinho da empregada. A nomeação da webtirinha, como *Senzala*, denuncia essa semelhança entre a senzala e o quartinho da empregada doméstica, majoritariamente negra. Observamos a atualização de espaços e relações coloniais em que as empregadas domésticas eram colocadas em situações de confinamento e servidão. Mesmo durante a pandemia, esta classe trabalhadora não esteve exposta ao isolamento social do qual todos tiveram que se proteger. Esta classe continuou limpando, cozinhando, lavando, trabalhando fora de suas casas, enquanto os patrões e patroas permaneciam em suas residências, seguindo a quarentena. Protegidos/as do vírus e sendo servidos/as.

Relacionando a webtirinha ao contexto sócio-histórico, destaca-se a declaração do então ministro da Economia, Paulo Guedes, sobre a possibilidade das empregadas domésticas estarem indo à Disney, inferindo, com isso, um equilíbrio na economia brasileira. Essa declaração foi amplamente divulgada na mídia. De acordo com Ventura (2020), no site *O Globo*<sup>4</sup>:

O ministro da Economia, Paulo Guedes, disse nesta quarta-feira que o dólar mais alto é ‘bom para todo mundo’. Ele afirmou que, com o dólar mais baixo,

<sup>4</sup> Notícia completa presente no site <https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365>



‘todo mundo’ estava indo para a Disney, nos Estados Unidos, inclusive ‘empregada doméstica’.

A menção à possibilidade de a empregada doméstica ir à Disney, na webtirinha, retoma e critica essa fala do ministro, evidenciando as desigualdades sociais e questionando a visão superficial sobre o equilíbrio econômico no Brasil. Ao mencionar especificamente as empregadas domésticas, o então ministro reforça estereótipos de classe e de gênero, perpetuando uma visão que coloca essas profissionais em uma posição de inferioridade socioeconômica e limitando suas perspectivas de ascensão social e econômica.

A distinção baseada na raça e na classe torna-se um critério determinante para o acesso a certos espaços organizacionais. De acordo com Foucault (2013a, p.21), cada sociedade possui suas próprias heterotopias, e é possível classificar as sociedades segundo as heterotopias que elas preferem ou constituem. Nesse contexto, a existência do quartinho da empregada doméstica, especialmente durante a pandemia, e a restrição da liberdade do sujeito negro para entrar em certos locais revelam as profundas marcas do racismo em nossa, portanto, racistocracia (Vida, 2022). Os espaços destinados à circulação ou residência de sujeitos negros evidenciam um racismo que não apenas exclui, mas também perpetua a desigualdade social e, em muitos casos, a violência, como ilustrado pela frequência das perguntas, na webtirinha: “Por que a polícia mata mais a gente?”. Assim, a desigualdade social, o racismo, a falta de acesso à educação e outros elementos de um sistema racista obrigaram a empregada doméstica a permanecer confinada no quartinho a ela destinado. Esses mesmos fatores também contribuíram para a exclusão desses indivíduos de outros espaços, que, embora aparentemente acessíveis, continuam inalcançáveis, como os parques temáticos, tais como a Disney.

Chama-nos atenção a interação entre o verbal e o visual, principalmente, no quadro seis. A imagem retrata uma empregada doméstica negra registrando seu local de trabalho em uma área nobre, enquanto ao fundo se vislumbra uma favela, seu local de residência. Acompanhando a ilustração, encontramos o enunciado: “Tão perto. Mas, tão longe...”. Existe uma proximidade geográfica, porém uma distância socioeconômica considerável, além de uma separação racial evidente.

Ao considerarmos o espaço virtual e o uso do celular para capturar tanto os espaços de trabalho quanto os de moradia, percebemos que o corpo-discurso é permeado por um espaço-tempo complexo, onde o sujeito mulher negra empregada doméstica está e ao mesmo tempo não



está naquele lugar. Segundo Foucault (2013a, p.37), os espaços-tempos compartilham a característica de serem lugares onde “estou e não estou”, como o espelho ou o cemitério; ou onde “sou outro”. Dessa forma, as imagens retratam um espaço virtual que não apenas representa, mas também revela o espaço real da empregada doméstica negra. Ela encontra-se em um lugar onde está presente e ausente ao mesmo tempo, um espaço que não pertence à sua realidade cotidiana.

Nas últimas cenas narradas, enquanto as irmãs dialogam na antiga senzala, um espaço pertencente à família, percebemos que os corpos-discursos vivenciam um presente permeado pelo passado histórico da época da escravidão. Este passado é evocado pela própria estrutura da Senzala, pelos instrumentos de tortura utilizados na época e pela arquitetura que a ilustra. Aqui se configura um espaço heterotópico concreto, um “outro” espaço, onde coexiste uma utopia manifestada na afirmação “gosto da paz daqui”. Este lugar, que evoca memórias dolorosas para o sujeito negro em geral, gerando sentimentos de tristeza, sofrimento, inquietações, angústias e dor, paradoxalmente se transforma utopicamente em um local de paz. É um espaço que, segundo o sétimo quadrinho, facilita a reflexão e a tomada de decisões.

O espaço de horror para o sujeito negro se converte em um espaço de paz para o sujeito branco, exemplificando o princípio de que “A heterotopia tem o poder de juntar em um único espaço real vários espaços, várias posições que são por si mesmas incompatíveis”. (Foucault, 2013a, p.24). Ao reunir contradições e múltiplas realidades em um único lugar, essas heterotopias oferecem uma nova perspectiva sobre as normas sociais e os significados culturais.

### Considerações finais

Nossa análise cujo *corpus* são as webtirinhas revela questões econômicas e políticas fundamentais sobre o trabalho doméstico e a condição da mulher negra empregada doméstica, proporcionando percepções sobre como nossa sociedade tem sido e continua a ser estruturada pelos espaços segregados que esses sujeitos ainda ocupam.

Durante a análise das webtirinhas, observamos como a mulher negra empregada doméstica é representada, com base nos espaços utópicos e heterotópicos que permeiam sua existência dentro da narrativa abordada pelo gênero. A pandemia, por sua vez, exacerbou o desvio de corpos negros e pobres para outros espaços, como o do risco de contágio por um vírus à época letal. Durante a pandemia, as empregadas domésticas foram obrigadas, para garantir sua



sobrevivência econômica e dos seus, a continuar trabalhando. Ao contrário da orientação geral de ficar em casa durante o isolamento social, elas, na maioria dos casos, foram confinadas nas residências das patroas, sem permissão para visitar suas próprias famílias. Ficaram segregadas aos quartinhos designados para elas, sem acesso a outros espaços, devido ao temor de contaminação por Covid-19 para as famílias dos empregadores. O direito ao isolamento social revelou-se, assim, um privilégio baseado em raça, classe e gênero.

As análises, aqui realizadas, conduzem à conclusão de que os espaços discursivos visíveis nas webtirinhas são fontes valiosas para entender os corpos, especialmente o corpo negro e seu lugar na sociedade. O corpo da mulher negra empregada doméstica se afirma como um corpo-discursivo quando sua imagem é publicada, ganhando voz e visibilidade no mundo virtual como uma utopia. No entanto, ele também é um corpo-discursivo que ocupa espaços heterotópicos, que evoca memórias dolorosas da escravidão, como a senzala, alojamento de escravos negros, espaços sem luz natural, sem condições sanitárias adequadas e desconfortáveis, fazendo uma comparação com o que é conhecido hoje como “o quartinho da empregada”. Em ambas as situações, o corpo está marcado pela exclusão, marginalização e privação de liberdade, como durante a pandemia, quando foi forçado a continuar trabalhando sem liberdade de movimento ou visita aos familiares. São os espaços, através da linguagem, que nos permitem ler essas “verdades”.

Assim, as condições impostas durante a pandemia destacaram e ampliaram as desigualdades raciais e de gênero, revelando como o poder opera em múltiplas camadas para perpetuar a subordinação através da interseção de raça e classe. A análise dessas condições à luz das teorias de Foucault (2013b[1967]) revela uma rede complexa de poder, controle e resistência que molda as vidas e os trabalhos das empregadas domésticas.

O espaço “quarto de empregada” é um exemplo concreto de heterotopia, pois encapsula e reflete as tensões e dinâmicas sociopolíticas da sociedade. As trabalhadoras domésticas, frequentemente mulheres negras, são confinadas a um espaço fisicamente separado, mas funcionalmente indispensável para a família. Este isolamento físico não só reflete, mas também reforça a segregação racial e social, relegando as trabalhadoras domésticas a uma posição de invisibilidade e servidão.

Além disso, esse espaço carrega uma memória histórica que remonta à escravidão, onde os espaços dos escravizados eram deliberadamente separados e mantidos em condições



inferiores. Essa continuidade histórica de separação espacial perpetua a ideia de inferioridade e subordinação, inserindo essa profissional em uma dinâmica de poder que a desumaniza e desvaloriza.

Por outro lado, a webtirinha ao criticar a opressão e as desigualdades históricas associadas à escravidão e à colonização, oferecendo uma visão alternativa que sugere novos modos de ser e de viver e ao destacar injustiças passadas e presentes se alinha à crítica social e política do afrofuturismo, movimento que busca afirmar e celebrar as identidades negras, oferecendo novas formas de empoderamento e autoafirmação, pois, conforme nos diz Spivak (2010, p. 72), deve-se “insistir que o sujeito subalterno colonizado é irremediavelmente heterogêneo”.

#### CRediT

**Reconhecimentos:** Não é aplicável.

**Financiamento:** Não é aplicável.

**Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

**Aprovação ética:** Não é aplicável.

**Contribuições dos autores:**

**MEDEIROS, Alécia Lucélia Gomes Pereira.**

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

**OLIVEIRA, Maria Angélica.**

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

**COSTA, Melissa Raposo.**

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

#### Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras, 2022.



CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESTUDO DO IPEA TRAÇA UM PERFIL DO TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL. 23 de dez. 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php>. Acesso em: 03 de Ago de 2021.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *Estratégia poder saber. Ditos e escritos IV*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222.

\_\_\_\_\_. *O corpo utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013a.

\_\_\_\_\_. *De espaços outros*. Estudos Avançados, 2013b [1967], vol.27, n.79, pp. 113-122.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. 29 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GUHA, Ranajit. On Some Aspects of the Historiography of Colonial India. In: GUHA, Ranajit; SPIVAK, Gayatri. *Selected Subaltern Studies*, Oxford University Press, 1988. p. 37-44.

IRRERA, Orazio. Racisme et colonialisme chez Michel Foucault. In.: BRAUNSTEIN, Jean-François (et.al.) FOUCAULT(S). Paris: Éditions de la Sorbonne, 2022. p. 125 - 139. Disponível em:<https://books.openedition.org/psorbonne/96292>. Acesso em 12 de dez. de 2024.

MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

QUADRINHOS – ILUSTRAÇÕES. *Confinada*. Senzala N59. 22 de fev. 2021. Instagram: Leandro Assis @leandro\_assis\_ilustra. Disponível em: [https://www.instagram.com/leandro\\_assis\\_ilustra](https://www.instagram.com/leandro_assis_ilustra). Acesso em: 15 de mar. de 2021.

RAFFIN, Marcelo e DALMAU, Iván. *Hacia una problematización de la colonialidad y de la decolonialidad a partir de la caja de herramientas foucaultiana*. Cronos: Revista de Pós-graduação em Ciências Sociais. UFRN, Natal, v. 25, n.2. jul/dez. 2024.

RARA, Preta. *Eu, empregada doméstica: a senzala é o quartinho da empregada*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida (et. al.). Belo Horizonte, UFMG, 2010.

TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>. Acesso em: 10 de out. de 2021.



VENTURA, Manoel. Guedes diz que dólar alto é bom: ‘empregada doméstica estava indo para Disney, uma festa danada’. *O Globo*, 12 de fev. de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava-indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365> Acesso em: 10 de dez. 2020.

VERGÈS, Françoise. Um feminismo Decolonial. Trad. Jamille Pinheiro e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

VIDA, Samuel. Racistocracia: o verdadeiro nome da democracia que se alimenta do racismo. In.: SANTOS, Hélio (org.). *A resistência negra ao projeto de exclusão racial: Brasil 200 anos (1822>2022)*. São Paulo: Jandaíra, 2022.